

O BAIXO ALENTEJO NA LITERATURA PORTUGUESA

*Maria Aline de Sousa Martins **

1. Dois Esquecidos: FIALHO DE ALMEIDA e o CONDE DE FICALHO

Elementos Para Um Perfil

Por um fim de tarde de Outono luminoso, mistura sábia dos aromas de um Verão recentemente acabado, eles encontraram-se.

À sua volta os ruídos normais de um café de fim de século, à beira de Belém, com os "garçons" que, embora ainda atentos, tinham abrandado o ritmo, pois a mornura, a ambiência, os mistérios da hora tudo envolviam.

Era pois um pôr-do-sol à beira-Tejo. Os olhos alongavam-se pelas águas, procurando, para lá do horizonte, terras do Sul.

E além do olhar, o pulsar, o sentir daqueles dois, por esse "acaso" que tudo conjugou para tal, encontraram-se e, sem preparação prévia, começaram a falar.

Conheciam-se, sabiam-se vindos de lá, da terra para onde agora mística, misteriosamente se sentiam atraídos. Os seus locais habituais eram diferentes, diferentes eram as suas relações e foi preciso aquele momento especial, que às vezes só ocorre uma vez na vida de cada um de nós, para que se pudessem encontrar. Encontrar no verdadeiro sentido da palavra.

O seu diálogo teve a intemporalidade, a extensão e a profundidade dos lapsos de tempo que depois parece não terem sido vividos.

Com as pontas alfinetadas dos seus "gatos", sempre alerta, Fialho estranha que o Conde ligado por vivências, condição social e cultura, refira na sua obra o Alentejo, tanto nas novelas como no ensaio histórico ou na análise que fez da influência árabe na linguagem dos pastores alentejanos.

O Conde salienta que não se limita à descrição linguística: faz já análise psicológica e social ligadas à linguagem (a psicotinguística e a sócio-linguísticas do nosso século).

* Docente da ESE de Setúbal

E Fialho acentua:

- Obra interessante essa sua, em que refere pormenores curiosos, por exemplo, as designações das realidades concretas do povo como os nomes dos cargos civis ou militares, dos impostos, de peças de vestuário - de nítida influência árabe. Mas... e a sua obra de ficção, as suas novelas? Terá conseguido nelas ser alentejano? - arranha ainda Fialho.

E o Conde responde:

- Mas sim: lembro-lhe que em "Uma Eleição Perdida" toda a acção se passa no Alentejo.

- Eu sei. A própria introdução da narrativa o mostra. E descritiva, faz "flash-back" (fixe esta palavra, caro Conde. Dentro de uns anos vai usar-se bastante), lembra algumas páginas de Camilo, reflecte influências de Eça, só que a paisagem é realmente outra: surge o Alentejo, nas alusões ao perfume bravo das estevas, ao "fundo morno do ar" que anuncia o Verão alentejano.

- Repare ainda que utilizo o vocabulário próprio do Alentejo: farrejais, almagrado, referências às culturas das terras do Sul, os trigos a perder de vista, a roseira de tocar, as amendoeiras, os olivais...

- Pois, mas lá põe também o "veston" dos criados, o "reps", os "patêres" e outros francesismos... que aliás também gosto de usar. Tenho pena que não tenha escrito mais ficção. Aquelas suas novelas e contos são promessas que poderiam ter chegado a obra de maior fôlego.

- Sabe, as minhas tarefas na Escola Politécnica não me deixaram, naquela época, muito tempo...

- Pois...Aliás, o Conde sempre foi um homem de sucesso, mesmo que noutras funções. Se eu o esquecesse, lá estaria aquele seu companheiro dos "Vencidos da Vida" - O Ramalho Ortigão - que tanto o incensou. Em "O Conde de Ficalho - retrato íntimo". Quando diz de si, que soube ser "homem de corte, homem do campo, agrónomo, estadista, no Conselho de Estado, professor na Escola Politécnica, embaixador, presidente da Academia, lavrador em Serpa, caçador, conversador exímio, quer entre princesas quer entre almocreves e careiros. Usou facilmente "a língua sublimada das cortes da Europa - o Francês suponho - e a língua ríspida e crua dos eguariços, dos rabadões e malhadeiros das suas herdades"... Sabe: nesse lisonjeiro retrato que Ramalho lhe atribui fica-se com a ideia de que o Conde é uma personalidade rara, conseguindo apenas por naturais dotes de inteligência colocar-se num equilíbrio invejável entre Atenas e Esparta. Enfim, a graciosidade, a condescendência, a comunicação fácil do ateniense e a simplicidade e escurrelteza do espartano.

O Conde esclarece:

- Nisso devo muito àquela minha velha tia que durante a adolescência me aconselhava reflexão, nos meus exames de consciência sobre aquele aforismo que diz: "Os fidalgos depois de mortos também fedem"... A partir disso, adquiri a aptidão de: "Saber andar só e a pé..."

Fialho interrompe:

- Sabe? Tenho que confessar-lhe que daquele célebre grupo dos "Vencidos da Vida", o Senhor é aquele que mais respeito. Mas é também o mais esquecido. Talvez para o explicar, Ramalho diz mesmo que "como não teve seita nem escola, também não teve correligionários, nem disciplinas fora da sua especialidade concreta de naturalista..."

Foi sem dúvida o mesmo especializado de todos os intelectuais da sua geração mas foi o mais superior de todos eles. Nessa sua pouca especialização e muito ecletismo, em revejo muito dos humanistas da Renascença..

- E de si, Fialho, o que poderão dizer? - interrompeu o Conde. - Que não sentiu praticamente o Alentejo! Sim. Sofreu a Terra, "deixou-se marcar por ela e entregou-lhe o próprio destino da sua obra". De facto, nas suas páginas há como que um perfume de distância. O Senhor andou entre Lisboa e Vila de Frades...

- É isso que vê naquilo que escrevi?

- Não só eu. Penso que, no futuro, irão reparar nisso. Quando o leio, sinto o infinito da própria Terra. Há na sua obra o mesmo peso dramático que encontramos nas canções alentejanas. Tanto no Inverno como no Verão a toada dos cantos tem o seu calor próprio. As suas palavras escaldam como a terra em brasa. E trata a planície e a cidade no mesmo plano de visão. Diz mesmo que o Alentejo é como "charneca de linhas grandiosas... mas ávida e resseca nos vegetais e nos corações". Sinto na sua prosa como que brados de uma alma que nunca verdadeiramente se encontrou... Isto para não falar na sua sátira afiada, permanente e que tanta polémica suscitou...

O Sol acabava de se pôr. As palavras ainda escorreram um pouco, preguiçosas, pelo espaço. Depois, as figuras desvaneceram-se sob o peso do tempo...

Este foi um fragmento do diálogo imaginário entre dois homens de cultura do século XIX, ambos alentejanos e em cuja obra o Alentejo esteve presente, embora de formas distintas.

Por quê estes dois escritores?

Antes de tudo, pela razão comum de ambos terem sido muito esquecidos no século que se lhes seguiu.

Individualizando, o Conde de Ficalho porque foi um dos elementos mais esclarecidos e cultos da "Geração de 70", tendo deixado uma obra que, conquanto não seja vasta, tocou diferentes ramos da cultura, indo desde a novela e o conto ("Uma Eleição Perdida", "A Pesca do Sável", "A Maluca dos Corvos", "Os Cravos", etc.) passando pelo ensaio histórico com "Notas Históricas Acerca de Serpa" até à abordagem linguística com o estudo "O Elemento Árabe na Linguagem dos Pastores Alentejanos".

Nas suas páginas, que se lêem com prazer, sente-se a clareza de forma e conteúdo produtos de anterior labor do pensamento. Nas narrativas assiste-se a uma efabulação verosímil, fácil, integrado numa época que soube criticar sem a rudeza de outros dos "Vencidos da Vida".

E por quê Fialho de Almeida?

Embora tenha deixado obra mais vasta do que o primeiro, ele é também um grande alentejano esquecido. Algumas das suas páginas são de uma modernidade que nos surpreende. Contudo, divulgaram-se apenas uma meia dúzia delas em antologias e selectas, tendo-se evitado um estudo aprofundado do que nos deixou, numa atenção à sua linguagem tão rica, em que tão habilmente, (muitas vezes corrosivamente) misturou os estrangeirismos, (tão ao uso de época), com a linguagem utilizada pelo homem do povo alentejano.

E Vitorino Nemésio que afirma: "a Beja charnequenha deu à literatura portuguesa o conto rústico de Fialho, implantado na sua experiência de filha de gente humilde".

Ele é o literato do Chiado que, por vezes, como turista disserta sobre os encantos dos oásis alentejanos, mas quase logo surge o Alentejano de raiz, que impõe a naturalidade e o genuíno em narrativas como "Os Novilhos" ou "Sempre Amigos".

No que diz respeito ao seu retrato do Alentejo, há a salientar a sua forte "tipificação da figura do lavrador alentejano ingénuo identificado com a terra, como observamos no início de "O Morgado".

E ainda Vitorino Nemésio que considera Fialho como dos primeiros e mais fecundos pensadores alentejanos. Ao notar que tanto ele como Brito Camacho e Manuel Ribeiro tenham surgido "dos lados de Beja", considera que, com eles, a conquista da expressão literária, alentejana parece fazer-se contra o centralismo historicista de Évora onde, do mesmo período, só se terão imposto a poesia do conde de Monsaraz e de Florbela Espanca.

2. O APELO E A PRESENÇA DA NATUREZA NA LITERATURA DE RAIZ ALENTEJANA

São poucos os escritores nascidos no Alentejo mesmo que dele muitos cedo se apartem, que a ele não tornem para nos falar das suas gentes, dos seus anseios, dos costumes e, sobretudo, do sentir e do pulsar da Terra.

Já nos referimos, um pouco, quanto essa atracção foi forte em o Conde Ficalho e em Fialho de Almeida.

Mas há ainda os outros que, de outros lugares, de passagem ou de estadia mais prolongada a este Alentejo se vêm a referir, na sua obra.

E, fatalmente, cantando a Terra.

É Miguel Torga, poeta de outras paragens que nos diz:

"A percorrer o Alentejo, nem me fatigo, nem cabeceio de sono, nem me torno hipocóndriaco. Cruzo a terra de lés a lés, num deslumbramento de revelação"... "Embriago-me na pura charneca rasa encontrando encantos particulares nessa pseudomonotonia rica de segredos. A palmilhar aqueles montados desmedidos, sinto-me mais perto de Portugal do que do Castelo de Guimarães".

Neste panteísmo comum, assim vão alinhando os autores, usando, pelo nascimento

ou pelo exercício, esta atracção pelo mistério do imaginário de uma paisagem.

Espaço diferente este, horizonte longínquo, canto diferente, logo, também gente diferente, talhado por esta paisagem que uns dizem agreste e seca e outros afirmam suave e envolvente.

Todos a ela se referem, geralmente, no tom contido de uma paixão com que se nasce ou que se aprende, mas com que, certamente, se morre.

Logo nas páginas primeiras sobre o Alentejo que a nossa literatura apresenta, se nota a solidão latente, o nada-ter, (interrogamo-nos: anátema, condição, destino?) as mãos vazias e uma serenidade secular feita de espera e um coração absorvendo afavelmente a migalha de amor ou de sentimentos dispensados.

E Bernardim Ribeiro que no séc. XVI, em cadência nostálgica nos diz que:

"O pastor do Alentejo era..."

e que

quando as grandes fomes foram
que Alentejo foi perdido
da aldeia que chamam Torrão
foi este pastor fugido".

porque o

Alentejo era enxuto
D'água e mui seco de prado..."

Ver Alentejo era um dó..."

(Da Ecloga Segunda)

Depois, Camões é a outra face do Alentejo quando exclama:

E vós também, ó Terra transtagana
Afamadas com o dom da flava Ceres..."

("Os Lusíadas" est. LXII, LXIII, LXIV)

reabilitando, assim o solo que aqui nos aparece farto e protegido pela deusa das colheitas.

De Bernardim até ao séc. XIX, não são muitas as referências feitas ao Alentejo, embora recordemos o que nos diz Camões e o que nos refere, nos seus serões bucólicos e reconfortantes, Rodrigues Lobo, em alusões à paisagem de sobreiros e às boiadas.

Aqui, nesta terra de Beja, teríamos que lembrar Mariana cuja a obra, intimista, não refere explícita, fisicamente a terra. Mas, ao reler passagens suas, perguntamo-nos se a sua paixão a um tempo cega e consciente, sentimento forte e possessivo que apreendemos como sem recuo e sem remorso e que perpassa pelas suas "Cartas", não estará de acordo com a Terra que a viu nascer.

Embora escudada por paredes conventuais e por preconceitos de nascimento e de época, deixem-me (talvez romanticamente) pensar, que aquelas Cartas não seriam o que são, se a sua autora fosse nascida, por aí, nalgum outro sítio de Portugal.

No séc. XIX, Eça de Queirós, pela boca de Jorge, lisboeta inveterado, em o "Primo Basílio", queda-se numa rápida referência à "monotonia" e ao "cruel calor de Beja".

E caminhando ainda pelo séc. XIX, chegamos ao primeiro verdadeiro apaixonado poeta da Terra Alentejana que é Mário Beirão.

Podemos talvez falar da existência, nos seus poemas, do dualismo Gelo e Fogo, sempre aplicados ao grande tema da Terra.

Assim, no poema "Aldeia de Safara" observamos sugestões de gelo quando diz:

"Era ao cair das sombras..."

"...

A noite desdobrando os panos de veludo.

Já, de manso, amor talhando tudo..."

Contudo, não há nada de gélido na linguagem do poeta quando, no mesmo poema, imediatamente acrescenta:

Mas no ocaso, entretanto

Relampejam rastros da fogueira..."

E o Gelo e o Fogo continuam depois, fundindo-se:

A medo entrei na aldeia,

Receoso de quebrar a sua meditação de esfinge, à Lua cheia

Ao vento do deserto, a perpassar..."

"...

Vozes quais flamas de estupendo fogo

Ergueram-se..."

"...

Como eu quisera

Arder no canto em chamas..."

E ainda Mário Beirão que em "Moda Alentejana" (numa procura folclórica que é também característica de parte da sua obra), poema dedicado à aldeia de Montes Velhos, vai desde o gelado:

"...

...escuro das águas tristes"

mas em que há

"laivos ensanguentados"

até à:

"Aldeia de Montes Velhos"

que

"...à luz da Alvorada"

é

"...

a chama de uma queimada"

afirmando no final do poema que:

"...

eu hei-de florir da urze

arder no vento "Suão"..."

2.2.

Nos autores até agora citados e no muito que se tem escrito sobre a literatura de raiz alentejana, tem-se pensado que ela canta **quase só** a Terra.

Contudo, o Alentejo do sul não é só Terra e o sentir atento dos seus poetas tem reflectido a realidade alentejana que vai do interior para o **Mar**, passando, sim pela planície, pela charneca, pelas searas, oliveiras, montados, **mas também** pelos rios, pelas suas margens repousantes, por vezes secas, pelas águas prateadas deslizando até ao **Mar**.

Assim, verificamos que, além da Terra, também os Rios e o Mar têm estado presentes, quer em sentido real quer em utilização metafórica, nos poetas do Alentejo.

Seria impossível citar todos, mas, para referir alguns poetas deste século, poderei começar por Raúl de Carvalho, nascido em Alvito, poeta internacionalmente premiado e que no poema "Miracles d'Enfance" diz:

concha em que se bebe a água da meia-noite,
a Lua e o seu Carnaval,
as dimensões do coração,
todo o impossível e emigrante rio
que tem o nome português e triste
de Tejo, rio Tejo

Triste, e todavia belo.
Tão longe, e todavia afim.
Tão água, e todavia sede
tão meu, e todavia rio.

Chama-se Tejo, ou Ave, ou Guadiana
Chama-se rosa, ou lágrima, ou amor..."

E mais adiante, também ainda a **metáfora marítima** entrosada na do rio:

Já longe os barcos sobre o mar,
longe de mim a célere
Circulação das águas:
Esse imenso e desfeito rio sem margens
Que corre e prenuncia o grande mar..."

Referirei agora o nome menos conhecido de Alda Guerreiro Machado, poetisa já deste século (ainda que nascida no anterior). Nasceu em Santiago de Cacém e identifica-se profundamente, com o mar que lhe está próximo, no poema "A Beira-Mar" dizendo:

"Perde-se a vista na praia
Perde-se a vista no mar;
Ao longe, lá muito ao longe
Vê-se uma vela alvejar.
...
Andam aves ribeirinhas
Junto à maré a voar,
Ai quem pudesse ir com elas
Por esses mares d'além...

Além sentado na areia
Um pescador a cismar
Tem o pensamento preso
No peixe que há-de pescar,
Pois na cabana de junco
Tem filhos a sustentar"

...

Da geração dos poetas mais novos e apenas para referir um, encontramos António de Matos Pereira, nascido em Serpa, mas ligado por laços familiares e culturais à cidade de Moura.

No seu volume de poemas "As Águas Livres do Ardila" e dos vários poemas em que este rio é personagem, podemos apresentar o seguinte:

Conforto

A água corria pacata e morna para o Guadiana
às vezes, dizíamos, já apodrecida
e chamavam àquele rio quase seco no Verão
o rio Ardila.

Tínhamos a idade das crianças de 10 anos
e julgávamos que aquelas águas tinham a nossa idade.

A estrada era de pó
e porque era Verão,
Verão tórrido do Alentejo
doía caminhar por ela
e assim escolhíamos alguma água
onde nus nos banhávamos.

Lembro-me também que tínhamos medo das cobras de água.

Talvez porque só as víamos no Verão e no rio Ardila.

Queremos agora destacar o nome de Manuel da Fonseca, prosador e poeta identificado não só mas também com a Terra, os Rios e o Mar da sua Região.

Sobre os rios neste caso o Rio Tejo, podemos citar de "Poemas Para Adriano" o seguinte excerto:

"Tejo que leva as águas
Correndo de par em par
Lava a cidade de mágoas
Leva as mágoas para o mar",

E o **Mar** que ele também profundamente cita nas canções da Beira-Mar:

"O Mar Atlântico
à beira donde sofremos,
quando virá a maré cheia da partida?
O mar de vendavais,
quando, quando?"

ou em "O Vagabundo do Mar":

"Sou barco de vela e remo
Sou vagabundo do mar.
Não tenho escala marcada
nem hora para chegar..."

3. Depois de tudo o que fica dito uma pergunta nos surge:

Há uma Literatura alentejana?

Quase sem procurarmos, encontramos a cada passo produção que resulta vastíssima de conteúdo, raiz. referências quase exclusivamente alentejanas, que o Alentejo suporta ou enquadra de algum modo.

E nos cenários ou personagens que nos transmite podemos notar como nos diz Hernâni Cidade uma genuína **alentejanidade** - enfim "o Homem que se integra na tragédia das forças telúricas.

Dilata-se-lhe a vista pela planície imensa, recorta-se-lhe no espaço a silhueta isolada...".

E é a pensarmos nesta **Alentejanidade** que consideramos legítima, que podemos considerar os dois ramos de uma mesma realidade: "a **Literatura popular** e a **Literatura erudita** de raiz alentejana.

3.1. Literatura Popular e Literatura Erudita

Se assim as nomeio é por facilidade de referência que não para as separar em redomas privadas ou opostas.

Se todos os autores até agora falados podem considerar-se ligados a uma Literatura erudita (em maior ou menor grau), não podemos deixar de aqui referir e reservar parte importante à produção poética dos poetas populares que por este Alentejo espalham poemas ditos e cantados.

Dessa produção popular falarei apenas, nas, **décimas** e nas **modas**, que alguns estudiosos, e ainda bem, têm recolhido para que constem e possam tomar o lugar de direito, numa Literatura de poetas como é a nossa.

São recentes estas recolhas.

A maior parte dos poetas que nelas constam são analfabetos ou quase e pouco tem ficado escrito da sua obra. Os seus poemas, monólogos, autos, são, e quando são, transmitidos oralmente, mas a maior parte perde-se. Assim se assiste a uma característica infelizmente muito comum à cultura popular: quem a produz, não a pode defender ou preservar.

O escritor Modesto Navarro, autor de uma dessas recolhas de **décimas** alentejanas, esclarece:

"Escritas, as "**décimas**" ficam com menos força".

Há um **esquema** para a sua construção e que consta de:

- 1 quadra - que é o mote

seguida de - 4 **décimas** que terminam, cada uma delas por 1 dos quatro versos do mote.

Embora este **esquema** formal seja rígido e obrigue a grande rigor mental e memorização, a temática é variada e retrata os mais díspares quadros da vida do povo alentejano, com grande incidência na crítica social. Há "**décimas**" esplêndidas na literatura popular alentejana, tal como a de José Virgínia, poeta de Almodôvar, que a introduz pelo seguinte mote:

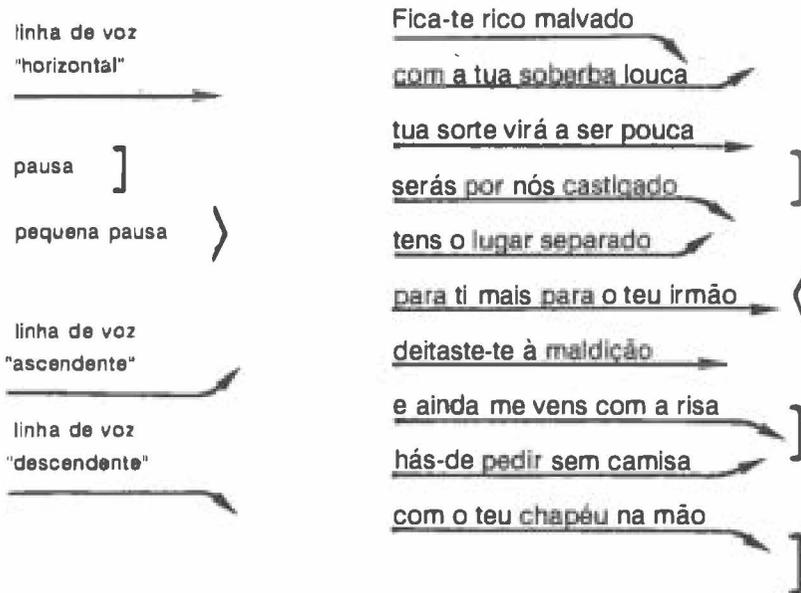
"Senhores dêem valor
e vejam a Luz da razão
não há luz para brilhar
como a luz da instrução"

Não é por acaso que aqui nos vem à ideia um outro poeta popular, mais ao Sul, o poeta Aleixo...

A este **mote** seguem-se as 4 **décimas** obrigatórias onde as referências à cultura e à instrução, só de alguns, constituem apelo de urgência para que o venham a ser de todos.

Sobre as **décimas**, além do tema e da especificidade da estrutura, há ainda a referir o "como" elas devem ser ditas.

E o poeta Gil Quintas que diz que as "décimas" devem ter "caída boa", isto é, ter **rimas certas e soarem bem**. Sendo uma forma de criação oral, elas devem ser representadas conforme o seguinte esquema nos sugere:



(em Poetas Populares Alentejanos
de Modesto Navarro)

E as **modas**? Que podemos dizer delas?

Que muito perde quem nunca, pelas madrugadas cálidas, ouviu os "cantos" e "descantos" das **modas alentejanas** que ranchos de cantadores entoam pelas esquinas, adoçando a noite. Ou ainda, quando, numa feira, avulta ao longe o grupo de homens, que como num só corpo, lenta, cadenciadamente se vem aproximando enquanto o **coro** se afirma num todo grave aqui e além entrecortado pela voz sempre clara do **solista** (o "alto"), que se eleva nos ares, criando nesse uníssonos um dramatismo que faz parar as gentes a ouvi-los, com a emoção estrangulada na garganta.

Ou ainda quando numa festa algures pelo país, oito ou nove convivas, depois de "Ah! Também és alentejano?" Se agrupam espontâneos e emocionados e durante horas, ali ficam entoando "modas" da terra distante.

São manifestações de arte extraordinárias, executadas por grupos de homens que, sem conhecerem música ou técnica de harmonia, entram com tanta precisão e exigência melodias para as quais não têm qualquer espécie de pauta.

Perguntamos: quem faz tais poemas ou melodias? Foi sem dúvida o povo incógnito, com o correr dos tempos, embora se ponha a hipótese de que tenham tido, na sua génese, influência árabe, alguma influência eslava (trazida esta em colónias de fenícios que tenham atingido o Sul) e ainda um pouco de influência da ópera italiana do século XVIII.

Mas todas estas intromissões, se as houve, muito bem se entreteceram, originando belos poemas e belas melodias onde, às vezes, se mete a "cantiga" que é uma quadra que pode assim iniciar a "moda", como na que a seguir deixamos e que é da região de Serpa:

CANTIGA

A rosa depois de seca
Foi se queixar ao Jardim
Respondeu-lhe o jardineiro
Tudo no fundo tem fim

Moda

Rosa branca desmaiada
Onde deixaste o cheiro?
Deixei-o no teu jardim
A sombra do limoeiro

A sombra do limoeiro
Onde não seja regada
Onde deixaste o cheiro
Rosa branca, desmaiada

3.2. A LITERATURA COMO VEÍCULO DE CULTURA

De tudo o que atrás fica dito: do amor pela Natureza, expresso de forma tão variada e tão rica, tanto por eruditos como por populares, resta-nos, sabendo de antemão que houve

elementos altamente individualizados que consolidaram uma cultura própria desta região e que ajudam a ligar, irremediavelmente, um povo a um solo, resta-nos, dizíamos, deixar para reflexão algumas questões, a primeira das quais dá o nome a estas JORNADAS:

- A Cultura ensina-se?

ou então:

- Esta Cultura Alentejana ensina-se?

E aprende-se?

Ou absorve-se?

Não temos dúvidas que tudo isto sucede. Por quê? Diria:

Primeiro, porque **se ama** e ao amar-se uma cultura (como outras coisas) e ao utilizá-la somos agentes de transformação e de influência e ao longo dessa interacção, essa cultura **aprende-se**.

Assim: a cultura - ensina-se e podemos também dizer que a cultura - absorve-se

- transforma-se

- influencia-se

- e, finalmente, **APRENDE-SE**

O estímulo que auxiliou estas fases proveio tanto do produto do trabalho intelectual, como da longa viagem da génese da cultura popular.

Ambas as vias nos transmitiram, nas suas diferentes expressões, a sua mensagem de interesse e amor incontido a uma Terra.

Assim, neste final de século, em que todos os dias assistimos aos extremos que tentam encontrar-se, temos nós também que pensar que a **CULTURA** ficaria incompleta, não o seria, se não existisse esse compromisso entre a cultura que o povo nos oferece - neste caso a dos poetas populares - e a cultura veiculada pelos que buscaram na erudição a sua vida de expressão.

Certamente que, nesse encontro de umas e de outras forças, a cultura de uma Nação sai reforçada e melhor poderá impor-se a outros povos.

Embora a nossa realidade territorial não seja grande se o quisermos, teremos sempre um espólio de riqueza imensa - e a Literatura alentejana é disso parte - que é a nossa literatura tão vasta, tão antiga, tão variada, e a bela língua em que a registamos.

Com tal moeda de troca continuaremos uma cultura honesta e forte e também com ela estabeleceremos pontes com outros povos e contribuiremos para um cada vez mais crescente e benéfico entendimento entre eles.

BIBLIOGRAFIA

- ORTIGÃO, Ramalho, *O Conde de Ficalho - Retrato Íntimo*
- NAVARRO, Modesto, *Poetas Populares Alentejanos*. Ed. Vega., Lisboa, 1980
- FICALHO, Conde de, *Uma Eleição Perdida*. Círculo de Leitores, Lisboa, 1988
- FICALHO, Conde de, *Notas Históricas sobre Serpa e o Elemento Árabe da Linguagem dos Pastores Alentejanos*. 1979
- TORGA, Miguel, *Portugal*. Livraria Bertrand., Lisboa.
- ALMEIDA, Fialho de, *Os Gatos*.
- ALMEIDA, Fialho de, *Contos*
- RIBEIRO, Bernardim, *Éclogas*, Liv. Pop. Franc. Franco, Lisboa, 1945
- CAMÕES, Luís, *Os Lusíadas*, Porto Editora.
- BEIRÃO, Mário, *Novas Estrelas*
- CARVALHO, Raúl de, *As Sombras e as Vozes*
- PEREIRA, António de Matos, *As Águas Livres do Ardila*, 1979
- FONSECA, Manuel da, *Obra Poética*, 1985

Colabora com

